

**UMA SOCIOLOGIA DA APOCALÍPTICA NO JUDAÍSMO  
ENTRE OS SÉCULOS III E II A.C.**

A SOCIOLOGY OF APOCALYPTIC JUDAISM  
IN THE III AND II CENTURIES B.C.

Jorge Martins<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo objetiva estudar a origem, a natureza e o desenvolvimento da escatologia e da apocalíptica no judaísmo pós-exílico durante os séculos III e II a.C a partir da sociologia da religião. Tem como referencial teórico a teoria do manticismo, teoria desenvolvida pelo trabalho de Philips R. Davies. Como método de abordagem utiliza-se o método dedutivo, pelo qual é possível a partir das principais teorias apresentadas analisar cada uma dentro de seu próprio *ethos*. Além deste, utiliza-se como método de procedimento o método comparativo. Pelo qual através do entrelaçamento das teorias abordadas permite-se vislumbrar a evolução que os dois fenômenos sofreram na história religiosa do Antigo Israel e do judaísmo. A partir deste quadro referencial teórico é verificado que diversas experiências contribuíram para a formação de um quadro visionário abrangente da história com vistas a um posicionamento político-religioso diante das novas e diversas situações que circundavam judaísmo durante o período helenístico. Além disso, foi possível identificar a origem destes pensamentos através de uma confluência de acontecimentos e elementos de outras religiões, do que apenas um fenômeno estritamente judaico.

**Palavras-chave:** apocalíptica; manticismo; judaísmo;

**Abstract:** The article aims at studying the origins, nature and development of eschatology and apocalyptic Judaism Moreover during the centuries III and II BC from the sociology of religion. Has as theoretical manticismo theory, theory developed by the work of Philips r. Davies. As a method of approach uses the deductive method, by which is possible from the main theories analyze each within its own ethos. In addition to this, it is used as a method of procedure the comparative method. Whereby through the interweaving of the theories discussed are allowed to glimpse the evolution that the two phenomena have suffered in the history of ancient Israel and religious Judaism. From this theoretical framework is established that several experiences contributed to the formation of a visionary comprehensive framework of history aiming at a religious-political positioning on new and diverse situations surrounding Judaism during the Hellenistic period. In addition, it was possible to identify the source of these thoughts through a confluence of events and elements of other religions, than just a strictly Jewish phenomenon.

**Keywords:** apocalyptic; manticismo; judaism;

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e bolsista pela CAPES com Bolsa CAPES/PROSUP II. [jorge.mj@puccampinas.edu.br](mailto:jorge.mj@puccampinas.edu.br)  
[jorgemartinsdejesus@hotmail.com](mailto:jorgemartinsdejesus@hotmail.com)

A apocalíptica marca uma mudança no pensamento escatológico da antiga religiosidade israelita, naturalmente pré-exílica, e consolida-se na religiosidade do judaísmo de cultura helenística. Essa mudança trouxe algumas alterações significativas na estrutura anterior do pensamento escatológico judaico: antes, o que era marcadamente intra-histórico com a escatologia, passa-se para o supra-histórico com a apocalíptica; a esperança que aguardava-se incisivamente para o presente, passa-se para o além; do âmbito nacional, passa-se para o global e do ambiente do Templo passa-se para o céu<sup>2</sup>. Essa mudança foi realizada através de recursos linguísticos e literários que foram revestidos de imagens fantásticas, singulares e estimulantes: as pessoas e os objetos tornaram-se símbolos de situações e acontecimentos, de forma que uma invasão de gafanhotos, por exemplo, transforma-se em catástrofe que atinge o mundo inteiro (Joel 1, 2-4)<sup>3</sup>; um terremoto na Terra estende-se também às estrelas, ao sol e à lua (Isaías 24, 18c-23); povos, reinos e reis aparecem como animais, montanhas e nuvens (Daniel 7ss), fazendo cumprir, assim, o papel do símbolo em sua função remissiva, pela qual sempre remete-se a uma realidade ou experiência que realmente importam ao sujeito ou ao grupo religioso que o experimenta (CROATTO, 2001, p. 87). Além disso, a experiência apocalíptica, enquanto experiência religiosa, compartilha de uma estrutura transcendente pela qual o espaço não é homogêneo, mas apresenta rupturas, pelas quais as religiões identificam no espaço e no tempo porções qualitativamente diferentes umas das outras, em novas constituições de mundo, pelas quais lhes é permitido “descobrir o ponto fixo, o eixo central do mundo e de toda a orientação futura” (ELIADE, [s.d], p. 35).

Verifica-se que enquanto a escatologia israelita serviu-se de linguagem e referenciais intra-históricos para descrever sua espera de mundo nos âmbitos político, econômico e social, isto é, necessariamente diante dos acontecimentos do presente<sup>4</sup>, a

<sup>2</sup> Essa transição pode ser vista em textos bíblicos como: 1) quanto a mudança do ambiente do Templo para o céu, Is 6, 1-4 e Dn 7, 9-14; 2) do local para o universal, Joel 4, 1-2 e Zc 14, 1-10; 3) do presente para o além, Ez 1 e Is 65, 17-25. A triangulação entre história, tempo presente e promessa futura como núcleo escatológico está presente na literatura bíblica anticotestamentária em textos como Gen 12, 1-5; Jr 7, 21-23 e Ez 11, 17; enquanto que uma escatologia meta-histórica, ou mesmo com o fim da história, desenvolvida, principalmente, a partir do pensamento estruturado pelo *éschaton* grego, perpassa textos como Is 65,17/ 66,22 e Zc 14;

<sup>3</sup> A versão da Bíblia utilizada é *A Bíblia – Tradução Ecumênica* (TEB); Edições Loyola/Paulinas, 2002.

<sup>4</sup> Essa escatologia intra-histórica foi desenvolvida por uma consciência coletiva que foi gradativamente formada produzindo o seguinte núcleo escatológico: povo eleito, certeza da intervenção divina de Iahweh, vitória e felicidade nacional. Esta visão escatológica, triunfalista por sinal, conduziria às aspirações de um “dia de Iahweh” (Am 9,11ss), a partir do qual Israel iria gozar de todo o futuro tecido tão cuidadosamente por essa escatologia. Contudo, na própria profecia de Amós há uma transição: do “aquele dia”, que fora tão supervalorizado, passa-se para o “dia de trevas, e não de luz” (Am 5.18). Com isso, Amós, unido a outros profetas, introduzia um novo sentido ao núcleo escatológico de Israel: o novo início viria sim, porém, somente depois do juízo, e este último era iminente. Com Isaías, acrescenta-se outro elemento à essa atualização escatológica: uma salvação conectada ao reino davídico-messiânico (DINGERMAN, 1987). Essa salvação parte de Israel para todo o mundo (Is 2.2-4); sua paz reconciliaria homem e natureza, fazendo de toda biosfera

apocalíptica judaica desenvolveu uma escatologia com linguagem essencialmente simbólica, intencionalmente velada e meta-histórica. Enquanto que a escatologia profética tinha mantido um certo equilíbrio entre as esferas celestes e a terrestre, permitindo, com isso, à ação humana algum fim no desdobramento da história, a apocalíptica sinalizou a esperança somente para a ação divina e celeste<sup>5</sup>. “Visão e realidade, unidas na escatologia profética, ficaram divorciadas em sua sucessora apocalíptica” (DAVIES, 1995, p. 250).

Através de uma sociologia dos movimentos apocalípticos judaicos, Philip R. Davies identificou, como também o teólogo von Rad (1965; 2006) havia identificado, a origem da apocalíptica e de seus sujeitos não como originária das tradições sacerdotais, nem proféticas, mas das tradições sapienciais. Na literatura bíblica, Daniel, por exemplo, é mais enfaticamente identificado como um sábio do que como um profeta, na acepção própria do termo. Contudo, essa sabedoria como matriz do pensamento apocalíptico, diz P. Davies, não foi a sabedoria de Israel, como von Rad havia sugerido: uma sabedoria de instruções seculares baseadas no escribismo da corte, expressa nos provérbios e que era resultado, principalmente, da observação e dedução dos acontecimentos no mundo.

Existia outro tipo de sabedoria no Oriente Próximo Antigo – a *sabedoria mântica*: um tipo de sabedoria atestada na literatura mesopotâmica e que continha em seu pensamento o conhecimento derivado de vaticínios decifrados pelos entendidos nas regras esotéricas de interpretação; notadamente, os sábios egípcios e babilônicos, que extraíam da observação e da interpretação de fenômenos naturais, às vezes do exame das entranhas de animais, a realidade natural e sobrenatural da história humana. Para essa sabedoria “A realidade natural e sobrenatural estão inter-relacionadas; os deuses estão implicados na história humana. Eventos naturais são resultados de decisões divinas...” (DAVIES, 1995, p. 253). É a partir dessa sabedoria que Philip Davies e outros pesquisadores<sup>6</sup> identificam a origem mais coerente da apocalíptica judaica entre os séculos III e II a.C. A isto implica dizer que, se o manticismo foi o pai da apocalíptica judaica, o que determinou a produção e o desenvolvimento de sua literatura apocalíptica não foi a postura milenarista de um determinado grupo, ou a predicação

---

um novo todo coeso (Is 11-12); e os beneficiários desta salvação escatológica seriam os sobreviventes do juízo (Is 4.3);

<sup>5</sup> O aspecto da transcendência de Deus na apocalíptica foi assim reafirmado e supervalorizado, de tal forma que formou-se um grande abismo entre o divino e o humano; compreensões que eram antes obtidas diretamente pela interface humana agora seriam somente *decifradas*, por exemplo, pelo *anjo da interpretação*, conforme visto em Zc 1-6.

<sup>6</sup> Entre eles Robert R. Wilson (2006), James C. Vanderkam (1984) e acentuadamente H.P. Müller (1972); sendo que deste último não há nenhuma obra traduzida do alemão.

de perseguição enfrentada por outros, mas, fundamentalmente, a convenção de escribas, a quem ficou o cuidado pela preservação e o desenvolvimento da literatura de diversos gêneros no período do segundo Templo. Isso nos proporciona a visão de que o projeto apocalíptico judaico, principalmente durante os sécs. III e II a.C., era mais o resultado da atividade intelectual de escribas pertencentes ao *establishment* helênico-judaico e culturalmente cosmopolitas, do que por grupos visionários de resistência e anti-*establishment* (DAVIES, 1995).

A esta afirmação também resulta dizer que uma nova forma de entender e indicar o sentido da apocalíptica no judaísmo pós-exílico é então apresentada; sendo, com isso, necessário propor uma possível sociologia dos escritos apocalípticos em sua origem judaica. Para Philip R. Davies isso não é possível utilizando-se apenas a leitura histórico-literária desses escritos, ainda que pelos métodos histórico-críticos. Métodos arqueológicos e social-científicos têm sido utilizados na reconstrução da história de Israel e sua vida no Oriente Próximo Antigo; e destes, conclusões adversas às que chegaram à crítica bíblica têm sido obtidas. Por exemplo, muito já foi dito acerca de uma “comunidade apocalíptica” como grupo de origem ou receptor dos escritos apocalípticos<sup>7</sup>. Philip Davies refuta essa ideia. Para ele, os apocalipses certamente estão inseridos num contexto social, mas a existência de um gênero literário não implica a existência de um grupo social distinto: “A maneira como literatura e sociedade interagem é sem dúvida função altamente complexa à qual ainda não temos resposta satisfatória” (DAVIES, 1995, p. 244). Diante disso, o que se deve ter em mente a essa questão é que a triangulação entre literatura – ideologia – grupo social – deveria funcionar muito bem para que existisse uma “comunidade apocalíptica”. Porém, segundo pesquisas<sup>8</sup>, há mais dúvidas e obscuridade sobre essa relação do que sua confirmação.

Outro problema que muito já ocupou a pesquisa acerca da apocalíptica é a definição própria e, acima de tudo, adequada do termo *apocalíptico*. Paul Hanson (1976), por exemplo, tentou para isso propor três designações: apocalipse, como gênero literário; apocalíptica, como teologia; e apocalipticismo, como movimento sócio-religioso. Porém, Philip Davies ressalta que “a mesma palavra está sendo usada para fenômenos pertencentes a três categorias diferentes” (DAVIES, 1995, p. 244); indicando, com isso, que a transferência

<sup>7</sup> Quem mais sugeriu a ideia de “comunidade apocalíptica” foi John Collins (COLLINS, 1983, p. 140-141; 206), o qual identificou duas (possíveis) comunidades: uma localizada na Palestina greco-romana e outra em Qumrã. Porém, segundo Davies, o próprio Collins reconheceu que nenhuma dessas comunidades se caracterizou pela produção de escritos apocalípticos. “Com efeito, a primeira não escreveu nenhum, e a última apenas um” (1995, p. 244).

<sup>8</sup> HANSON, 1976; ROWLEY, 1963; KOCH, 1972.

de uma classificação literária à área da classificação social é potencialmente desnorteante. Basta, para endossar esta afirmação, partir do consenso de que uma classificação literária ou de um gênero literário acontece somente após o gênero de tal literatura estar plenamente desenvolvido. Neste sentido, a assertiva de Philip Davies é importante: “[...] os apocalipses judaicos não foram produzidos por um só “movimento apocalíptico”, mas constituiu um gênero que podia ser utilizado por diferentes grupos em diferentes situações”<sup>9</sup> (DAVIES, 1995, p. 245).

Cabe também ressaltar que o fenômeno apocalíptico não se deu unicamente na comunidade judaica pós-exílica. Além do gênero apocalíptico ter estado presente também no mundo helênico, esteve também no Egito (como mostra a Crônica Demótica) e na Babilônica (através dos apocalipses acádicos). Para uma consulta, ao que parece exaustiva, F. Davies remete ao trabalho de D. Hellholm, “*Apocalipticismo no mundo mediterrâneo e no Oriente Próximo*” (1983), que catalogou a grande maioria das expressões apocalípticas no Oriente Próximo Antigo. Isto posto, resulta dizer que o apocalipse judaico não foi uma evolução da escatologia israelita como apresentado por Friedrich Dingermann quando, por exemplo, disse que a apocalíptica judaica foi a “derradeira grande expressão teológica do antigo espírito israelita” (DINGERMANN, 1987, p. 457). Para Philip Davies, “dizer que os apocalípticos são herdeiros dos profetas não explica nem a literatura apocalíptica nem a profecia” (DAVIES, 1995, p. 248). Contudo, podemos pensar que a profecia inseriu-se como um excelente instrumental à transição entre as tradições proféticas e as nascentes tradições apocalípticas<sup>10</sup>. No entanto, devido a sua natureza própria, a apocalíptica deu à profecia novos contornos estruturais e literários necessários: enquanto os profetas afirmavam e encorajam a esperança escatológica em termos claros, definidos historicamente e fazendo uso de toda sua contemporaneidade, o apocalíptico utiliza linguagem amplamente simbólica e na maior medida enigmática; o próprio Friedrich Dingermann reconheceu essa distinção: “O autor de apocalíptica não é um orador, mas somente um escritor” (DINGERMANN, 1987, p. 462).

---

<sup>9</sup> O primeiro desses grupos seria formado pelos pobres que haviam descendido daqueles que haviam ficado na terra de Jerusalém durante o exílio e que, unidos aos repatriados após o exílio, foram animados pelas profecias de Ageu, Zacarias e Malaquias a crerem no futuro a partir da reconstrução do Templo; um segundo grupo formado pelo ideal acentuadamente teocrático, composto pela tradição sacerdotal e que propunha uma escatologia já realizada; e um terceiro grupo a quem coube uma espera futura genuinamente apocalíptica, os quais criam que suas esperanças salvíficas somente seriam realizadas em outro mundo e por uma intervenção totalmente divina.

<sup>10</sup> Por exemplo, a profecia bíblica em Dn 9 é interpretada como presságio. É um fenômeno terreno, é um texto escrito, mas tem sentido referente ao curso *sobrenatural* da história; o verdadeiro sentido não é dado ao profeta que a escreveu, mas ao *sábio mântico*, cuja sabedoria inspirada proporciona a decifração.

Também foi aventada a ideia de que a apocalíptica desenvolvida no judaísmo pós-exílico poderia ser uma forma de resistência contra o *establishment* (governamental, no caso helênico; ou sacerdotal, no caso judaico); de forma que grupos privados de suas aspirações e marginalizados ante a política e a religião oficiais tiveram através da visão apocalíptica o seu descontentamento e sua desaprovação a estas instituições; fazendo, então, da apocalíptica sua força de expressão e resistência<sup>11</sup>. Philip Davies não se admira com essa hipótese. Segundo ele, isso é o que a sociologia identifica como características básicas de grupos milenaristas<sup>12</sup>, distintos, portanto, de uma tradição apocalíptica. Aliás, como ele sugere, a apocalíptica pode ter sido utilizada até mesmo para *justificar* um *status quo*: o apelo “a conhecimento esotérico, à revelação celeste e o uso de mitos são igualmente – se não mais – característicos dos métodos pelos quais governos justificam seu status e exercem o controle ideológico” (DAVIES, 1995, p. 250); o livro de Daniel, como os escritos da comunidade de Qumran, sugerem mais uma harmonia entre a reverência ao sacerdócio, ao culto e a uma escatologia ideologicamente pretendida, do que uma oposição a essas instituições. Ambos os grupos, o público à época do livro de Daniel e a comunidade de Qumran, parecem mais terem surgidos como disputas internas ao *establishment* do que oposição a ele. “Não existe absolutamente alusão de que Daniel, por exemplo, seja produto de margem; sua oposição é somente à monarquia selêucida; seus autores são mais provavelmente escribas aristocráticos, e até sacerdotais” (DAVIES, 1995, p. 250).

A partir de conclusões semelhantes às esboçadas acima, o esforço nas pesquisas para identificar o grupo e o meio social em que surgiu a apocalíptica judaica cada vez mais avançava para a hipótese de que, ao invés de um único grupo, notadamente judaico, para a origem da apocalíptica, uma pluralidade de influências estava em ação no surgimento da

---

<sup>11</sup> Um dos autores desta hipótese, Richard Horsley (1995), afirmou: “A violenta repressão da resistência popular à reforma helenizante ordenada por Antíoco Epífanes causou uma intensa crise de fé para os judeus. [...] Desesperados para entender sua situação aparentemente impossível, alguns judeus fiéis buscaram uma *revelação* divina... para explicar por que as circunstâncias de sua vida se tinham tornado tão insuportáveis e que plano Deus tinha para libertá-los. [...] especialistas estabeleceram com considerável precisão que a literatura apocalíptica... foram escritos em conexão com a crise da reforma e da resistência à perseguição helenística” (HORSLEY; HANSON; 1995).

<sup>12</sup> Embora sociólogos e antropólogos brasileiros (como Pedro A. Oro; Duglas Teixeira; Maria Isaura P. Queiroz e Maurício Vinhas) têm utilizado os termos “Milenarista”, “Messianismo” e “Apocalíptico” como quase sinônimos em seus trabalhos, o termo é distinto do movimento apocalíptico em questão. Segundo Anthony Giddens, no livro *Sociologia*, p. 452, *milenarista* é um grupo que aguarda uma salvação imediata, coletiva e somente para os fiéis; seja em razão de alguma mudança cataclísmica na atualidade, seja pela recuperação de uma era de ouro supostamente havida no passado; sobretudo, inspiram e reivindicam ativismo e mudança social de forma imediata. O que difere da postura de espera, mesmo que presente, da apocalíptica judaica do período aqui estudado.

apocalíptica no judaísmo. O trabalho de Martin Hengel<sup>13</sup> deu a abertura inicial a esta hipótese. Para Hengel, a reforma helenística foi determinante ao período de surgimento da apocalíptica, tendo na perseguição ao judaísmo, por exemplo, a necessidade de: (1) uma nova interpretação da história, (2) um novo cálculo do fim (antes trabalhado pela escatologia durante o exílio e (3) a consequente atenção na decisão do indivíduo, ao invés no simples desenrolar da história; contudo, a maior contribuição de Hengel ao que iria ser determinante na identificação da origem, do grupo e da natureza da apocalíptica judaica, e que norteou os trabalhos de G. von Rad, F. Dingermann e P. Davies na elaboração “conclusiva” de uma origem da apocalíptica judaica, foi a *noção da tradição sapiencial* presente nas primeiras literaturas apocalípticas judaicas: “os sábios adquiriram traços proféticos e os profetas se tornaram sábios inspirados” (HENGEL *apud* DAVIES, p. 251).

A partir deste recenseamento de hipóteses ao surgimento e origem sociais da apocalíptica judaica, as conclusões de Philip Davies permitem o seguinte esboço: a) o surgimento da apocalíptica judaica não é uma evolução da escatologia israelita; b) tampouco uma derivação da profecia; c) não é um fenômeno essencialmente judaico; d) sua origem pode ser detectada por uma confluência de acontecimentos e elementos de outras religiões, do que um fenômeno estritamente judaico; e) provavelmente origina-se da sabedoria; e, neste caso, *a sabedoria mântica*; a qual, apesar de ser largamente representada pelos sábios egípcios e babilônicos, foi contraposta pelo judaísmo em alguns textos do Antigo Testamento, respectivamente, pelas figuras de José e Daniel. Sendo o seu método de interpretação mais comum o exame das entranhas de animais (DAVIES, 1995), não é, portanto, surpresa que animais estão presentes na maioria das revelações apocalípticas judaicas; no entanto, com outro tipo de uso: o uso simbólico; até porque, as tradições de Israel determinavam o repúdio a prática da Hieromancia<sup>14</sup>. Além deste esboço teórico fornecido por Davies, a hipótese da presença deste tipo de sabedoria na origem da apocalíptica judaica também foi confirmada por pesquisadores como Robert R. Wilson (1980) e J. C. VanderKam (1984).

Além deste processo de vaticínio, como verificado acima, *o manticismo* também se caracterizava por uma ideia de toda a experiência humana como uma totalidade interligada; nesta totalidade havia a relação mútua entre realidade natural e sobrenatural, de forma que os deuses estavam implicados na história humana, fazendo com que a associação de fenômenos significativos à história e à realidade humana fossem o ponto de partida à atividade profética.

<sup>13</sup> HENGEL, M. *Judaism and Hellenism*, 1974.

<sup>14</sup> Arte divinatória a partir da entranha de animais.

Essa atividade, segundo Davies, resultava geralmente em um *vaticinia ex eventu*, predizendo, por exemplo, a qualidade e a duração dos reinados de futuros reis. Um paralelo a isso é fornecido no livro de Daniel a partir do que F. Dingermann denominou como *vaticinium post eventum* (profecia sobre algo que já aconteceu); por exemplo, escolhendo o momento histórico do passado, o autor apocalíptico apresentava em forma de profecia o curso da história. Assim, o autor apocalíptico escolhia um determinado momento histórico do passado e, ligando-o à tradição profética escolhida, apresentava em forma de visão apocalíptica o curso da história a partir do momento presente até a esperança futura<sup>15</sup>. Com isso, a sabedoria mântica partia de sua observação a ocorrências naturais à compreensão da realidade sobrenatural; sendo distinta, portanto, da sabedoria da corte de Israel, pelo fato de que ela deduz das ações naturais às ações divinas, enquanto que a tradição sapiencial judaica mantinha elevada distinção (GABEL; WHELLER, 2003).

Philip Davies destaca que enquanto a prática mântica constitui atividade cultural, a recordação de suas coletâneas e a busca de conhecimento fundamental a ela era atividade exclusiva de escribas: “é do estudo de coletânea mântica, e não de sua prática, que se desenvolve a literatura apocalíptica” (DAVIES, 1995, p. 253). Concorda com isso a afirmação de Friedrich Dingermann em relação ao gênero literário apocalíptico utilizado na comunidade judaica: “o material imaginativo deste misterioso modo de falar é tirado ora do Antigo Testamento, especialmente dos oráculos proféticos, ora de tradições extrabíblicas, principalmente do patrimônio cultural do mundo oriental” (DINGERMANN, 1987, p. 463). Essa coletânea de sabedoria mântica era geralmente produzida por intelectuais, marcadamente babilônicos, ligados a antigas instituições babilônicas de escribas e totalizando um espaço de tempo desde o período sumério até o período dos sábios do Talmude babilônico. Com isso, P. Davies reconhece, ao lado de outros pesquisadores como J. Z. Smith (1975), o forte elo entre a instituição de escribas e a literatura apocalíptica<sup>16</sup>; concluindo, por conseguinte, a ideia de que o manticismo foi o pai da apocalíptica judaica.

Sendo assim, o que determinou a produção da literatura apocalíptica judaica em seu início não foi uma postura milenarista e nem de predições diante da perseguição selêucida; mas, unicamente, uma das produções literárias promovida e determinada pela convenção de escribas da época. Por exemplo, é um consenso nas pesquisas da literatura

<sup>15</sup> É o que pode ser visto, por exemplo, no livro de Daniel, cap. 9;

<sup>16</sup> Além do escribismo babilônico, instituições egípcias de escribas também produziram apocalipses, como o Oráculo de Potter e a Crônica Demótica (DAVIES, 1995, p. 254).

judaica do período macabeu que Ben Sirac, autor de um dos livros do Antigo Testamento que recebe o seu próprio nome, era o arquétipo de escriba do *establishment* de Jerusalém: moderado, convencionalmente piedoso e abastado; a esse Ben Sirac, P. Davies reconhece, a partir de seus escritos, um autor apocalíptico e, a partir disso, sugere-se que escribas como este aplicaram suas habilidades literárias tradicionais para articular uma explicação do caos de sua sociedade e do mundo geral; geralmente, na forma de “predição de mudança radical no curso futuro da história” (DAVIES, 1995, p. 259).

Não somente a crise helenística provocou essa acolhida da sabedoria mântica pelo escribismo em Jerusalém, mas, também, o fato das leis do povo judeu estarem sob ameaça de se extinguirem diante da introdução de novas cultura e religião estrangeiras na época. Por exemplo, a própria ordem da criação sustentada pela religião judaica estava já enfraquecida como discurso. Para enfrentar situações como essa, a apocalíptica judaica articulou enfaticamente a reversão definitiva do declínio da criação: por meio da autoridade de antigas figuras que trouxeram revelações divinas, próprio do gênero literário apocalíptico, o povo foi consolado com a afirmação de que Deus estava no controle tanto da história como da natureza; e que o mal tinha explicação e fim.

A isto concorda a conclusão de F. Dingermann ao afirmar que através deste recurso literário o ouvinte, após ser esclarecido através das pistas de revelação apocalíptica deixadas pelo autor, chegaria ao clímax da mensagem apocalíptica: Deus é o Senhor de toda a história; “ele a planejou com exatidão em todos os seus detalhes e a revelou secretamente muito tempo antes a um vidente eleito; somente ele a conduzirá com segurança ao escopo e ao fim por ele fixado” (DINGERMAN, 1987, p. 464). Com isso, a apocalíptica torna-se também uma expressão literária de uma crise da imagem escatológica da história do judaísmo; imagem da história do mundo que havia sido consignada pela antecessora escatologia. Com essa função, a apocalíptica sempre mostrava sua força quando em situações adversas, sobretudo em confrontações com o poderio estrangeiro, aquela antiga imagem da história final, principalmente, quando contendo um triunfo do judaísmo sobre todos os outros povos, se tornava um problema ameaçador à sua validade; com isso, a apocalíptica surgia, dentre tantas outras motivações, para tentar “corrigir” tal situação.

À guisa de conclusão, e pelo que foi esboçado acima, pode ser visto que a apocalíptica como fenômeno religioso e social presente no judaísmo pós-exílico é algo complexo e que ainda demanda muito tempo e profundidade de pesquisa sobre os temas que

ela ressalta. Além disso, foi destacado pelo próprio Davies (1995) que para ver de perto o contexto social dos apocalipses é preciso defini-los individualmente; isto é, não se pode supor que os apocalipses presentes no período entre os séculos III e II a.C., dos quais o apocalíptico judaico é apenas um, tenham auditório e propósito definitivos. A sabedoria mântica como fonte para o pensamento apocalíptico na religiosidade do judaísmo pós-exílico oferece uma opção favorável como origem e desenvolvimento de sua apocalíptica. A isto implica dizer que, ao invés de empreendimento puramente profético, como muito já foi dito, a apocalíptica como desenvolvimento do manticismo resulta essencialmente do trabalho de escribas. Contudo, o manticismo e a profecia não se excluem totalmente; porquanto, a preservação e o crescimento da literatura profética no período do segundo Templo se deu, também, na órbita da atividade de escribas.

## Referências

- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DAVIES, Philip R. O mundo social dos escritos apocalípticos. In: *O Mundo do Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 1995.
- DINGERMAN, Friedrich. A esperança de Israel em Deus e no seu Reino. Origem e desenvolvimento da Escatologia no Antigo Testamento. In: *Palavra e Mensagem*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. O anuncio da caducidade deste mundo e dos mistérios do fim: os inícios da apocalíptica no Antigo Testamento. In: *Palavra e Mensagem*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano – A essência das Religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d. (Coleção vida e cultura).
- HELLHOLM, D. (Org). *Apocalypticism in the Mediterranean World and the Near East*. Tübingen: Mohr-Siebeck, 1983.
- HENGEL, Martin. *Judaism and Hellenism*. Londres: SCM, 1974.
- HANSON, P. D. Apocalypticism. In: *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nashville: Abingdom, 1976.
- HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GABEL, John B; WHELLER, Charles B. *A bíblia como literatura*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- KOCH, K. *The Rediscovery of Apocalyptic*. Londres: SCM, 1972.

- MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos: História e religião na época do Segundo Templo*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- MÜLLER, H. P. Matische Weisheit und Apokalyptik. In: *VT Supp 22*. Leiden: Brill.
- PROCKSCH, O. *Theologie des Alten Testaments*. Gütersloh: Bertelsmann, 1950.
- RAD, Gerhard Von. The Theology of Israel's Prophetic Traditions. In: *Old Testament Theology*. Vol. 2. Edinburgh: Oliver and Boyd, 1965.
- \_\_\_\_\_. Daniel e Apocalíptica. In: *Teologia do Antigo Testamento*. 2 ed. São Paulo: ASTE/Targumim, 2006.
- ROWLEY, H. H. *The Relevance of Apocalyptic*. Londres: Lutterwort, 1963.
- SMITH, J. Z. Winsdow and Apocalyptic. In: *Religions Syncretism in Antiquity*. Missoula: Scholars Press, 1975.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; Wolfgang. Pluralismo religioso na terra de Israel no período helenístico-romano. In: *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.
- VANDERKAM, J. C. *Enoch and The Growth of na Apocalyptic Tradition*. Washington: CBA, 1984.
- WILSON, Robert. R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. São Paulo: Targumim/Paulus, 2006.